

A VIDA COMO PRIORIDADE

As exigências de toda ordem, ao longo do tempo, fizeram com que o médico fosse, e ainda seja, o profissional mais acometido pelo *burnout*, situação extrema resultante da sobrecarga de trabalho, da sensação de falta de reconhecimento, de agressões psíquicas e físicas e de diversos outros fatores que agem no corpo e na mente desse ser humano em seu labor.

Faz parte da natureza da profissão médica, na maioria dos casos, para enfrentar um risco vital iminente ou evitar complicações futuras, a necessidade de tomar decisões de caráter imediato, com base em seu conhecimento e discernimento. Um ponto muito diferente de outras profissões, que podem pesquisar e fazer cálculos para, posteriormente, apresentar pareceres, projetos, petições e outras possíveis soluções para problemas que lhes sejam apresentados.

Como conhecedor dos riscos biológicos, o médico, por sua característica profissional, sempre buscou os meios para evitar a exposição desprotegida a agentes infectocontagiosos, nem sempre sendo atendido pelos gestores. Porém, o atendimento ao paciente, como regra fundamental, envolve o contato humano, a escuta, o exame clínico, não apenas a realização de exames complementares que possam colocá-lo em *home office*, como em outras profissões. A telemedicina é uma exceção, que não pode ser aplicada a todo e qualquer atendimento médico!

A medicina paraense, como a de todo o país, jamais enfrentou situação tão ameaçadora como a atual pandemia da COVID-19, que além do grave risco infeccioso chegou em um momento histórico que evidenciou a falta de infraestrutura adequada para seu enfrentamento de modo a evitar o agravamento dos casos e o grande número de óbitos.

Os médicos e demais profissionais de saúde que trabalham em unidades de urgência/emergência e os de UTI são, sem sombra de dúvidas, os mais expostos ao risco do contágio. Entretanto, em qualquer nível de atuação, todo médico e todo profissional de saúde também está exposto em nível mais alto que a maioria da população a esse risco.

Em nosso Estado, desde o início da pandemia, sessenta e dois colegas médicos sucumbiram pela COVID-19. Colegas de idades variadas, de especialidades variadas, de níveis de exposição diversos, homens e mulheres, pessoas queridas de muita gente, aos quais rendemos homenagens, sempre.

Como doença nova, foi louvável o esforço mundial para o desenvolvimento de vacinas que possam freá-la, feito realizado e liberado para aplicação em tempo recorde. Porém, o número de doses que chegaram a nosso país, até o momento, é muito reduzido, tendo sido vacinado até o momento pouco mais de 1% de nossa imensa população.

Em nosso Estado não foi diferente. Estabelecer prioridades para aplicação do pequeno número de doses é atribuição das autoridades sanitárias, que obedecem critérios administrativos e políticos. Notícia de hoje, em jornal televisivo matinal, coloca nosso Estado como o terceiro pior em número de vacinados em todo o país.

A morte de médicos e profissionais de saúde, em qualquer lugar do mundo, é uma perda irreparável, pois sua formação e sua experiência deixam muitos desassistidos ou com assistência precária.

As prioridades são necessárias, mas há situações que têm que ser consideradas de modo especial e urgente.

Há colegas médicos, um grande número, que trabalham em consultórios e, por isso, não estão nas listas prioritárias de UPAs, UTIs, enfermarias, ambulatórios etc. Há colegas que não estão indo a seus consultórios porque têm fatores de riscos e não sabem quando nem como serão abrangidos pela vacinação.

Atuando em consultório, o médico evita agravamento de casos, internações e a busca dos serviços de urgência/emergência, mas se expõe como todos os que entram em contato direto com pacientes e acompanhantes. Essa é uma demanda que nos chega diariamente e que encontra eco em nossa reflexão.

Sem detrimento dos demais profissionais, todo médico, por ser profissional essencial sempre, e em particular nesse momento pandêmico, merece ser considerado como prioritário em relação à vacinação.

A vida é a maior prioridade.

Cuidar é preciso! Cuidador também é preciso!

Belém, 04 de fevereiro de 2021.

MANOEL WALBER DOS SANTOS SILVA

Presidente do CRM-PA